

EXAME NACIONAL DO ENSINO SECUNDÁRIO

12.º Ano de Escolaridade (Decreto-Lei n.º 286/89, de 29 de Agosto)
Curso Geral — Agrupamento 4

Duração da prova: 120 minutos
1999

1.ª FASE
1.ª CHAMADA

PROVA ESCRITA DE PORTUGUÊS A

Esta prova é constituída por três grupos de resposta obrigatória.

GRUPO I

Leia atentamente o seguinte texto:

- 1 Da minha aldeia vejo quanto da terra se pode ver do Universo...
Por isso a minha aldeia é tão grande como outra terra qualquer,
Porque eu sou do tamanho do que vejo
E não do tamanho da minha altura...
- 5 Nas cidades a vida é mais pequena
Que aqui na minha casa no cimo deste outeiro.
Na cidade as grandes casas fecham a vista à chave,
Escondem o horizonte, empurram o nosso olhar para longe de todo o céu,
Tomam-nos pequenos porque nos tiram o que os nossos olhos nos podem dar,
- 10 E tornam-nos pobres porque a nossa única riqueza é ver.

Alberto Caeiro, *Poemas*, 10.ª ed., Lisboa, Ática, 1997

Elabore um comentário do poema que integre o tratamento dos seguintes tópicos:

- oposição entre a «aldeia» e a «cidade»;
- importância do acto de ver;
- recursos estilísticos relevantes;
- traços da poética de Caeiro.

GRUPO II

A questão seguinte refere-se ao romance *Os Maias*, de Eça de Queirós.

«Carlos não fraquejou *por causa da* educação recebida, mas *apesar da* educação recebida.»

Jacinto do Prado Coelho, *Ao Contrário de Penélope*, Lisboa, Bertrand, 1976, p. 187

Considere o juízo crítico apresentado e comente-o, fundamentando-se na sua experiência de leitor. Redija um texto bem estruturado, de duzentas a trezentas palavras.

Observação – Um desvio dos limites de extensão indicados implica uma desvalorização parcial do texto produzido.

A prova continua na página seguinte.

GRUPO III

Resuma o excerto a seguir transcrito, constituído por trezentas e vinte e uma palavras, num texto de noventa e cinco a cento e vinte palavras.

Antes de iniciar o seu resumo, leia atentamente as observações apresentadas em final de página.

1 Muito em síntese, pode ver-se a poesia portuguesa dos últimos cento e cinquenta anos
dividida em três largos períodos, cada um deles inaugurado por um movimento de
vanguarda e constituído, depois, por fases semelhantes – paralelas ou sucessivas – de
afirmação, correcção e dissolução do próprio movimento inicial. As datas inaugurais seriam
5 precisamente 1825 – o ano da publicação do poema *Camões*, de Garrett –, 1865 – o ano
da publicação das *Odes Modernas*, de Antero – e 1915 – o ano do aparecimento do *Orpheu*,
com Fernando Pessoa à testa do movimento modernista. Tal como Garrett fora a figura
central do vanguardismo romântico de 1825 e Antero o vulto polarizador do vanguardismo
realista da geração de 70, Fernando Pessoa é o corifeu¹ do vanguardismo de 1915. Entre
10 as personalidades e os destinos destes três poetas – que não foram apenas poetas, mas
também espíritos muito lúcidos e profundamente interessados pelos problemas da
Cultura –, e a despeito das inegáveis diferenças que os separam, muitos são, todavia, os
pontos de contacto que ante a nossa atenção ganham relevo: Garrett tinha 26 anos ao
publicar o poema *Camões*; Antero, 23, ao editar as *Odes Modernas*; e Pessoa, 26, ao lançar-
15 -se na aventura do *Orpheu*. Dir-se-ia, desde já, que há uma idade sobremodo propícia – ao
redor dos 25 anos, no limiar, portanto, da maturidade – para se desempenhar,
voluntariamente ou não, o papel de *condottiere*² literário. Por outro lado, morrem os três à
volta dos 50 anos – Garrett com 55, Antero com 49, Pessoa com 47 –, sem assistir nenhum
deles à completa dissolução dos vanguardismos que tinham iniciado. Dir-se-ia, agora, que o
20 Destino desejou poupá-los a semelhante espectáculo, ou impedir que eles próprios nele
participassem. Muito mais importantes, porém, do que estes dados cronológicos são
determinados aspectos íntimos, que por igual os caracterizam.

Trata-se, com efeito, de três personalidades contraditórias, em cujo foro interior se
debatiam antagónicas forças – as quais, por seu turno, dramaticamente se exprimiram nas
25 obras respectivas e nas respectivas actividades.

David Mourão-Ferreira, *Nos Passos de Pessoa*, 1.ª ed., Lisboa, Presença, 1988

¹ corifeu: mentor; guia.

² *condottiere* (Italiano): chefe; guia.

Observações – Há uma tolerância de quinze palavras relativamente ao total pretendido (oitenta palavras como limite mínimo, e cento e trinta e cinco como limite máximo). Um desvio maior implica uma desvalorização parcial do texto produzido.

Note que, para efeitos de contagem, se considera uma palavra qualquer sequência delimitada por espaços em branco, mesmo quando hifenizada. Qualquer número conta como uma única palavra, independentemente dos algarismos que o constituem. De acordo com este critério, o fragmento a seguir transcrito é constituído por trinta palavras: «Dir-se-ia,/ desde/ já,/ que/ há/ uma/ idade/ sobremodo/ propícia –/ ao/ redor/ dos/ 25/ anos,/ no/ limiar,/ portanto,/ da/ maturidade –/ para/ se/ desempenhar,/ voluntariamente/ ou/ não,/ o/ papel/ do/ condottiere/ literário./».

FIM

COTAÇÕES DA PROVA

GRUPO I **100 pontos**

Desenvolvimento dos tópicos – conteúdo 60 pontos

Elaboração do comentário – organização e
correção linguística 40 pontos

GRUPO II **50 pontos**

Conteúdo 25 pontos

Organização e correção linguística 25 pontos

GRUPO III **50 pontos**

Conteúdo 20 pontos

Organização e correção linguística 30 pontos

TOTAL..... **200 pontos**